

Votos que vêm de fora vão para a esquerda

Eles formam um contingente de 17.899 eleitores distribuídos por 145 países em todo o mundo. São os brasileiros que moram fora do País, vão exercer o direito de voto em 15 de novembro, e reclamam da falta de informação — as notícias, quando chegam, estão defasadas pela constante mudança do quadro eleitoral aqui. Mas, bem ou mal informados, eles vão votar e as prévias realizadas entre vários grupos (funcionários das embaixadas, estudantes) indicam que a tendência desse eleitorado é votar na esquerda.

"Estamos bastante divididos aqui nos Estados Unidos. Não há uma inclinação nítida. Será interessantíssimo verificar se nosso microcosmo se revelará muito diferente da tendência no Brasil. Nossa vantagem é que teremos uma resposta duas horas depois que fecharmos as urnas, às 17 horas" — comentou um diplomata que prepara a eleição. E ele confessou: "Eu mesmo voto útil".

Dos cerca de 300 mil brasileiros residentes nos Estados Unidos, legal ou ilegalmente, apenas 2.228 se cadastraram para votar (mesmo assim, formam o maior contingente de eleitores fora do Brasil: são 821 em Nova York, 718 em Washington DC, 300 em Los Angeles e 350 em outros Estados).

Uma das eleitoras de Washington, a empregada de um diplomata brasileiro, proclamou-se "aliviada" ao ver Sílvia Santos candidato na primeira página no **New York Times**. Ao contrário da esmagadora maioria dos brasileiros residentes fora do País (que reagiram indignados à nova candidatura), ela revelou: "Agora já tenho em quem votar". Um outro garante: "Covas tem força junto ao pessoal que trabalha no Banco Mundial, no Banco Interamericano de Desenvolvimento e na imprensa". As funcionárias mais antigas da Embaixada votarão em Collor. "Elas adoram um discurso moralista", explica um conhecedor. Já Lula colecionou vários votos entre acadêmicos e estudantes ao falar na Universidade Johns Hopkins.

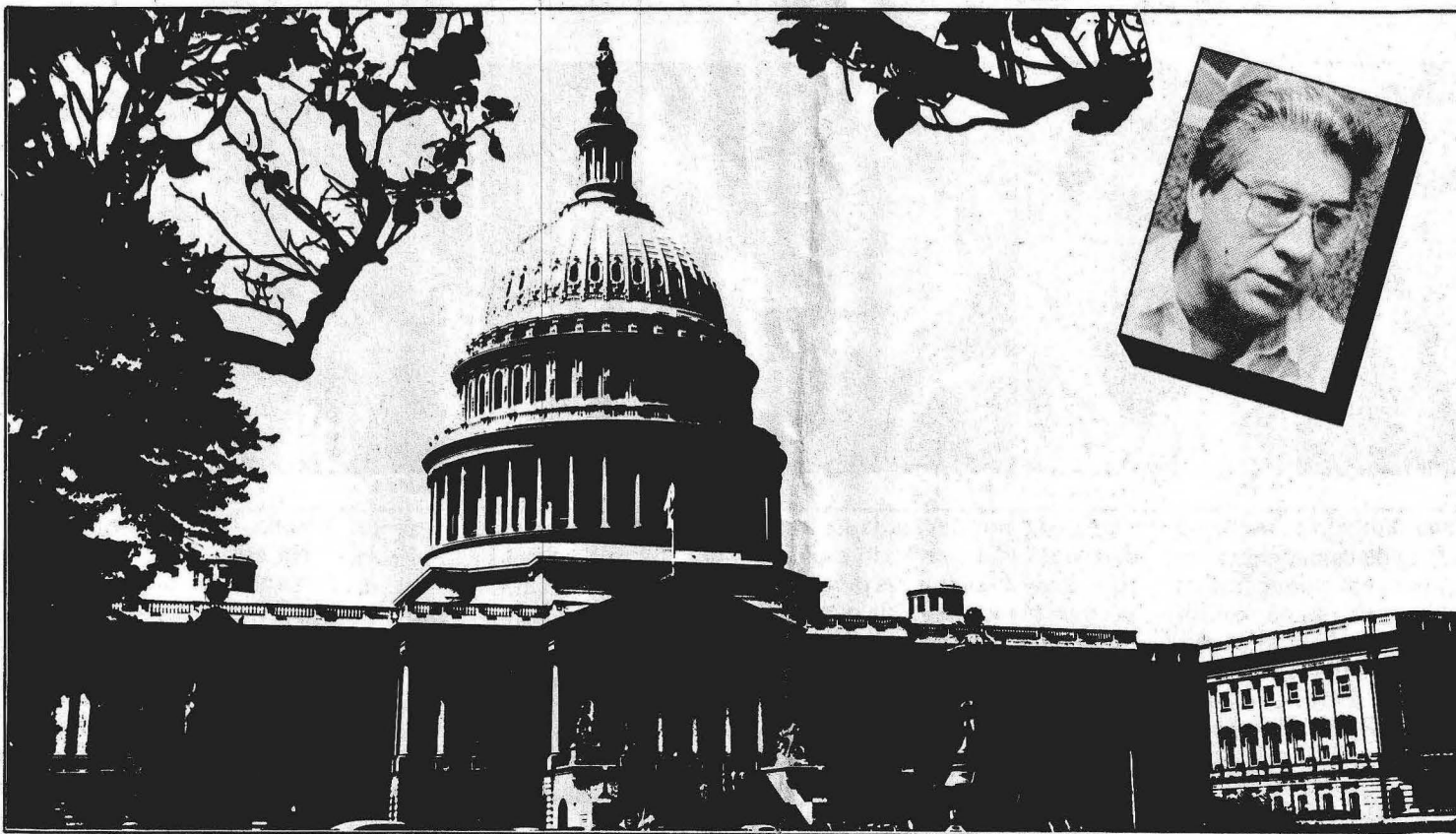
Uma prévia realizada pela **Agência Estado** com 95 brasileiros com nível de pós-graduação, através de uma rede de computadores que cobre os Estados Unidos, teve o seguinte resultado: Covas, 36 votos; Lula, 32; Brizola, 8; Freire, 6; Afif e indecisos, 4.

Yes Brasil

Em Roma, um domingo por mês, boa parte dos brasileiros que moram na capital italiana vão à missa celebrada em português na Igreja Santa Madalena. Depois da missa o assunto inevitável é a política. Afinal, na Itália está o segundo maior colégio eleitoral de brasileiros residentes no exterior: são 1.859 eleitores, 1.285 só em Roma.

E essa empolgação política, encabeçada pelos militantes petistas (os únicos a instalar comitê em Roma), contagiou a italiana Clarabella, dona do Yes Brasil, um bar para brasileiros. O comitê da Frente Brasil Popular foi criado pelo astrofísico brasileiro Augusto Daminelli, professor de Física Molecular em regime de doutorado na Itália, que toda segunda-feira reúne amigos em casa. "Pelo menos na Itália vencerá o candidato do PT", garante Daminelli, que prevê Covas em segundo lugar. Já os funcionários da embaixada estão divididos: Collor é o preferido, seguido de Lula, Brizola e Covas.

Outros 800 brasileiros votarão em Milão (no norte da Itália), grande parte deles residentes na Suíça, que não permite eleições de países estrangeiros em seu território (dos 460 cadastrados na Suíça, os que moram em Zurique votam em Milão e os de Genebra em Paris, na França). Já os 1.190 brasileiros na Alemanha Ocidental (o terceiro maior contingente de eleitores no Exterior) não poderão participar da eleição: o governo daquele país proibiu o pleito.



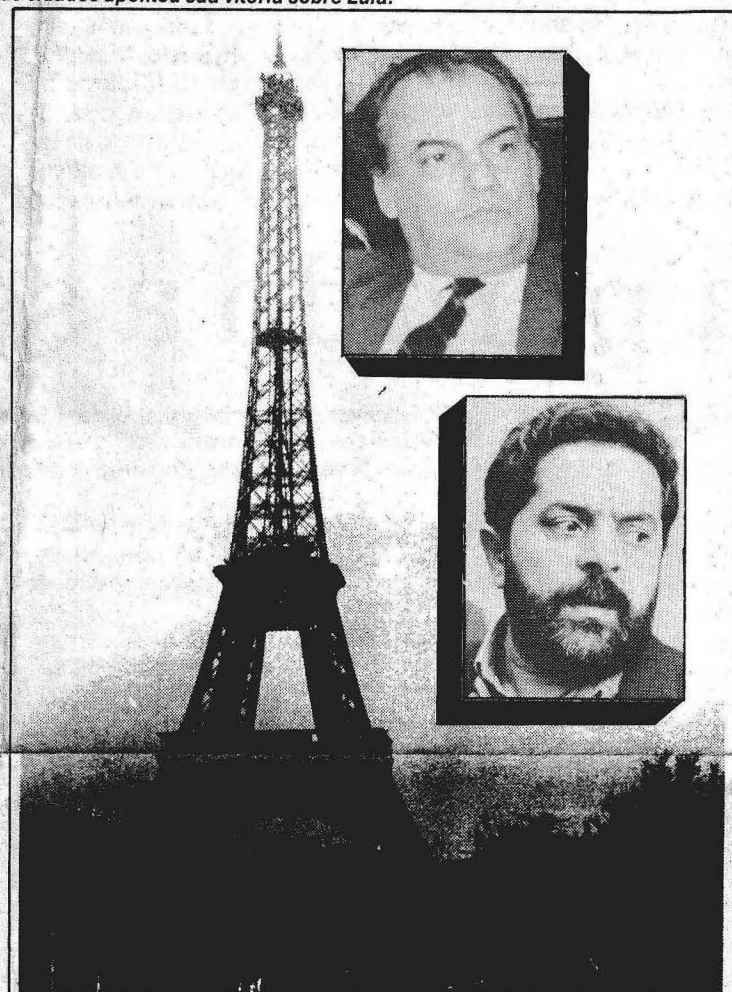
WASHINGTON

Covas será bem votado na capital norte-americana, Washington/DC. Seu desempenho, aliás, deverá ser bom em todo o país. Uma pesquisa informal abrangendo eleitores de várias cidades apontou sua vitória sobre Lula.



LONDRES

Os estudantes fizeram uma prévia em Londres. Lula ficou com 56 dos 134 votos. Covas chegou perto: 43.



PARIS

Só PT e PCB têm comitê na capital francesa. Mas as simpatias por Freire e Lula dividem-se com Brizola e Covas.

Na França, os militantes do PCB — bolsistas e estudantes — são os únicos a fazerem concorrência aos petistas na caça ao voto dos 916 brasileiros cadastrados. O grupo do PT se reúne na Casa do Brasil, na cidade universitária de Paris. Já os comunistas têm no cientista Luís Hildebrando Pereira da Silva, do Instituto Pasteur, o maior cabo eleitoral de Freire. Entre os eleitores que passam pelo Consulado do Brasil em Paris, na avenida Champs Elysees, os candidatos mais citados são Lula, Covas, Freire e Brizola.

Atuando sozinhos em Londres, os petistas foram os únicos a montar comitê na capital da Inglaterra, onde apenas 1.063 dos 40 mil brasileiros se cadastraram. Em uma prévia da Associação Brasileira de Estudantes de Pós-Graduação e Pesquisadores da Inglaterra, Lula recebeu 56 dos 134 votos; Covas, 43; Brizola, 19; Freire, 11; e Afif 3. Mesmo assim, os simpatizantes de Covas estão otimistas: há três semanas eles começaram a trabalhar firme pelo candidato e esperam reverter a situação.

E o candidato Sílvia Santos? Quem responde é uma produtora da BBC de Londres: "Que o Brasil não é país sério nós já sabíamos. Mas brincar com uma eleição nacional, com uma coisa tão séria, acho que nem o Idi Amim foi tão longe".

Sem notícias

A campanha sucessória está confundindo a cabeça dos brasileiros que moram em Portugal (1.111 eleitores ávidos por informação). Apenas três jornais brasileiros chegam a Lisboa, sempre atrasados. Os jornais locais só agora começam a dar notícias da eleição. A falta de comitês eleitorais por lá, eles criaram uma verdadeira corrente para trocar opiniões e informações frescas, obtidas em cartas ou telefonemas a parentes aqui no Brasil. Indignado com a candidatura Sílvia Santos, por exemplo, o escritor e jornalista Alberto Dines se comunica agora todos os dias com o Brasil e passa as informações para a frente.

Mas os ecos da campanha brasileira também chegam fracos à vizinha Argentina. Os 665 brasileiros cadastrados lá não têm muito mais informações. Só de três semanas para cá começaram a "pipocar" notícias, sempre de jornalistas espantados com a surpreendente velocidade com que o quadro se altera, as oscilações das pesquisas.

Outra ponta da desinformação: muitos eleitores, em todos os países que abrigam brasileiros, não souberam do prazo de cadastramento, encerrado em 30 de junho passado. Na Espanha: apenas 355 dos 1.574 brasileiros que vivem lá tomaram conhecimento da data através de um único anúncio (minúsculo) publicado a nível nacional no jornal **El País** 15 dias antes do fim do prazo. No Japão, porém, o baixo número de cadastramento pode ter outra explicação: para se alistar e votar os brasileiros só têm um endereço — o Consulado, na capital japonesa, Tóquio. Ou seja: quem estiver no sul do país, por exemplo, terá de gastar mil dólares com uma passagem de trem para votar, depois de já ter gasto outros mil dólares para a viagem para o cadastramento.

Colaboraram nesta reportagem os correspondentes internacionais Ana Maria Mandim (Argentina), Moisés Rabinovici (Washington DC), Régis Nestrovski (Nova Iorque), Reali Júnior (França), Marielza Augelli (Itália), José Carlos Santana (Inglaterra), Cristina R. Duran (Portugal), Finita Iñiguez (Espanha) e Helder Guimarães (Japão).